

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA À DISTÂNCIA

KYARA KAROLYNE FERREIRA DA SILVA

ALFABETIZAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA:
Desafios e possibilidades

UBERLÂNDIA
2021

KYARA KAROLYNE FERREIRA DA SILVA

**ALFABETIZAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA:
Desafios e possibilidades**

Trabalho apresentado ao Curso de Pedagogia a Distância da FAGED/UFU como exigência parcial para obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Irene Miranda.

UBERLÂNDIA

2021

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo analisar os desafios do processo de alfabetização durante a pandemia. Observa-se que o significado de alfabetização passou por vários estágios históricos até alcançar a forma atual, marcada principalmente pelas contribuições do construtivismo sobre a concepção de criança e dos métodos de ensino, primando pela influência da subjetividade do aluno no processo construção do conhecimento, descentralizando a figura do professor. Uma das grandes pensadoras responsáveis pela mudança de paradigma na alfabetização foi a psicóloga Emília Ferreiro, discípula de Piaget, e uma das principais propagadoras do construtivismo na América Latina. Assim, através das considerações de Ferreiro sobre os processos de alfabetização foram tecidos alguns apontamentos sobre como o professor e a escola podem se aproximar dos seus alunos e da comunidade escolar, tornando o ensino mais significativo para as crianças. Visto que a pandemia afastou os alunos do espaço físico da escola, é necessário repensar as práticas e metodologias de ensino para alcançar as crianças e fazer a escola presente mesmo à distância, impedindo ao máximo os efeitos negativos do período de quarentena por meio do diálogo e de uma prática construtivista.

Palavras-Chave: alfabetização; pandemia; professor; aluno.

Sumário

1- Seção I.....	5
Introdução	5
Histórias, minhas histórias - “Dias de Luta, dias de Glória”	6
2- SEÇÃO II.....	14
2.1- Dialogando com os teóricos sobre o tema em estudo.....	14
2.2 - Concepções sobre a Alfabetização nos diferentes momentos históricos.....	14
2.2.1- 1º momento:	16
2.2.2- 2º momento:	18
2.2.3- 3º momento:	21
2.2.3- 4º Momento.....	22
2.3- O processo de alfabetização	23
2.4- Dificuldades da alfabetização no contexto da pandemia.....	27
Considerações Finais	30
Referências	32

1- Seção I

Introdução

A presente produção consiste em um Trabalho de conclusão de curso(TCC), sendo apresentado como exigência parcial para obtenção do título de licenciado/a em Pedagogia, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia (FACED/UFU).

O TCC é o resultado do esforço de síntese, realizado pelo aluno, para articular os conhecimentos teórico-metodológicos construídos no decorrer de seu processo formativo. Trata-se de um trabalho de investigação e reflexão acerca de um tema de seu interesse, sendo um dos momentos mais importantes de sua vida acadêmica.

É importante ressaltar que existem várias modalidades de TCC, como artigos, monografias, portfólios, etc. Para este trabalho definimos o *Memorial*, que segundo Santos (2005) descreve uma autobiografia, que é formada a partir de uma narrativa histórica e reflexiva, devendo ser composta sob a forma de um relato histórico, analítico e crítico, abordando os fatos e acontecimentos que constituíram a trajetória acadêmico-profissional de seu autor, oferecendo ao leitor as informações completas e precisas do percurso por ele percorrido.

Conclui-se, que o memorial é uma espécie de *curriculum vitae*, escrito na forma discursiva, pois segundo Oliveira (2005, p. 121), “[...] é um documento escrito relativo à lembrança, à vivência de alguém; memórias. Deve conter um breve relato sobre a história de vida pessoal, profissional e cultural do memorialista; por isso mesmo é escrito com o uso da primeira pessoa.”

Assim, entendo que a escrita de um memorial por nós, docentes em formação, leva-nos a um processo de recuperação de lembranças e experiências, vivenciadas enquanto discentes nas diversas fases escolares e/ou acadêmicas a que fomos submetidos; que ao fazer o resgate do processo formativo, têm a oportunidade de refletir sobre o passado, reavaliando sua trajetória e preparando-se para o início de sua carreira docente. Portanto, esta produção, significou para mim a oportunidade de reviver e visitar minha história e os caminhos que me permitiram fazer da pedagogia minha profissão de escolha.

O presente trabalho tem por objetivo possibilitar uma reflexão a respeito de minha trajetória e formação. Sendo de natureza acadêmico-científica, busco a partir do tema, refletir sobre como a pandemia por Corona vírus influenciou os modos de ensino

e aprendizagem dos milhares de alunos que tiveram seus estudos interrompidos e/ou modificados por conta das circunstâncias e as implicações destas interferências para o futuro dos discentes.

O desenvolvimento do trabalho está organizado em duas seções:

Na primeira seção, individualmente apresento minha trajetória acadêmica e profissional, cujos percursos culminaram na temática do TCC pautada no processo de alfabetização. Alfabetizar é uma ação complexa e no contexto de pandemia torna-se ainda mais desafiadora, visto que vários fatores podem influenciar o processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita.

Na segunda seção, em dupla com a colega de curso e amiga Kríscia Lorena Silva Oliveira, foi abordado o referencial teórico que respalda a temática em estudo, para tanto foi revisitada a bibliografia, assim como pesquisas e estudos realizados na área. Em seguida estão as considerações finais, que apresentam nossas conclusões acerca do estudo do tema proposto.

Por fim, posso dizer que a oportunidade de apresentar minha trajetória de vida em um Memorial, permitiu-me lembrar e fazer uma reflexão sobre todo o meu percurso, desde o início como discente na educação infantil até aqui, ao fim da graduação; revisitando assim, os caminhos que me fizeram escolher a profissão docente.

Histórias, minhas histórias - “Dias de Luta, dias de Glória”

Conforme anunciado anteriormente, nesta seção do trabalho apresento minha trajetória acadêmica, no decorrer da qual desenvolvi meu interesse em saber e aprender mais sobre o processo de alfabetização, para tanto começo me apresentando.

Meu nome é Kyara Karolyne Ferreira da Silva, nasci no dia 09 de dezembro de 1988, tenho 32 anos. Nasci, cresci e ainda moro na cidade de Uberlândia, Minas Gerais. Meus pais são Acleuda e Raimundo, tenho três irmãos mais novos: Robert 31 anos, Lucas 30 anos e Jéssica 27 anos; Sou casada com Juliano Medeiros e temos duas filhas: Sibel 12 anos e Sofia 9 anos.

Desde o início da minha formação escolar até o presente como discente do curso de Pedagogia EAD da UFU, sempre estudei em escolas públicas e guardo comigo lembranças e momentos das escolas e professores que marcaram a minha vida.

Minha mãe, minha maior referência, que na época em que éramos crianças não havia concluído seus estudos, sempre nos incentivou muito a estudar. Mesmo quando

ainda não tínhamos idade para frequentar uma escola, ela sempre dava um jeitinho: brincava de escolinha conosco, passava tarefinhas e às vezes, quando ela tinha algum dinheiro, levava-nos para escolher algum livro; e foi assim que tomei gosto pela leitura, lógico que os gibis eram os meus favoritos: as aventuras do Mickey, do pato Donald e os do Tio Patinhas.

Minha mãe fazia questão de ler livros para nós, colocava-nos em sua volta e nos maravilhava com as histórias. Ela sempre foi dessas pessoas que procuram dar um jeito para tudo, e naquela época não tínhamos as facilidades que existem hoje, como internet, celular, vídeo games, então ela dava seu jeitinho. Antes de engravidar de minha irmã mais nova, minha mãe fazia até fogueira na sexta feira a noite na praça, em frente a casa onde morávamos e ali se juntavam até os filhos dos vizinhos para escutar as histórias que ela contava e para comer batata doce assada na brasa, certeza de que ninguém se esqueceu desses momentos, passávamos a semana inteira esperando chegar à sexta-feira à noite.

Meu primeiro contato com a escola, foi ainda quando bem pequena na escolinha “Estrelinha Brilhante”, de uma amiga de minha mãe. Não me lembro por quanto tempo frequentei, mas me lembro de que lá brincávamos muito, ainda não havia a obrigatoriedade de ensino.

Posteriormente fui para uma escola da prefeitura, Escola Municipal Professor Valdemar Firmino, quando vendendo Tupperware, minha mãe conheceu a diretora. Entrei no “jardim”, terminologia utilizada na época e ali permaneci até a metade da 2ª série. E quando passei para o “pré”, nome dado a série que concluí a educação infantil, pude começar a entender o “amor de professora” pela profissão e por seus alunos. Antônia, era uma professora muito dedicada e atenciosa com todos, mas tinha comigo um carinho especial, foi ela quem ajudou minha mãe a comprar meu vestido para a formatura de conclusão do ciclo infantil. Ainda hoje, guardo com muito carinho o lindo vestido branco com a fita vermelha e as fotos que tiramos juntas.

Em meu último ano naquela escola, exatamente na 2ª série, tive problemas por não conseguir entender como olhar as horas nos relógios e não conseguir executar as atividades que os envolviam, havia uma professora que gritava comigo, me colocava de castigo e sempre dizia que eu não seria nada, nem ninguém, me lembro de chorar muito, de não querer ir para escola e de passar a detestar as aulas de matemática.

Mudamos de bairro e, conseqüentemente, de escola. A nova escola, Escola Estadual Eneias Vasconcelos, tinha uma biblioteca enorme, que eu amava, assim como

as aulas de educação física, até a enorme árvore do pátio. Quando sai, foi por não ter mais a série que eu cursaria.

Na escola seguinte em que passei, a “Universidade da Criança”,tive que me dedicar ainda mais, pois para participar do coral, que eu queria demais, era necessário ter boas notas. Permaneci nesta escola por pouco tempo, pois nos mudamos e voltamos para o bairro onde cresci, o mesmo que moro atualmente.

Na Escola Municipal Prof. Eurico Silva, reencontrei a maioria dos amigos que fiz do “jardim” ao 2º ano. Eram três escolas principais: uma dos anos iniciais do fundamental (“Prof. Valdemar Firmino”),uma dos anos finais do fundamental (“Prof. Eurico Silva”) e uma para o ensino médio (“Prof. Inácio Castilho”). Como eram poucos os pais que tinham condições de pagar o transporte para os filhos estudarem fora do bairro, a maioria dos moradores passou por essas mesmas escolas.

Na escola dos anos finais do fundamental cursei da 5ª a 7ª série. Nesta instituição conheci a “melhor professora de História do mundo”: Márcia Tannus. Ela era ótima, todos os alunos gostavam dela, sem exceção, ela fazia muitas coisas legais durante a aula para chamar nossa atenção e nos envolver, tinha o ouvido muito bom, enquanto passava a matéria no quadro, se escutasse um ruído, ela se virava de uma vez e jogava um giz. E não é que acertava os “tagarelas” certinho! Sempre brincava com todos e tinha muito respeito pelos alunos, assim como todos tínhamos por ela.

Logo no início da 8ª série, mudei de escola novamente, agora para o centro da cidade, Escola Estadual Bueno Brandão. Foi nesta escola que conheci a “melhor professora de matemática da vida”, Simone Pafumi – a “tia Si”. E então, após vários anos,consegui voltar a gostar de matemática. A professora fazia paródias e contava piadas engraçadas para nos ajudar a aprender mais facilmente as fórmulas da matéria, puxava nossa orelha sempre que achava necessário, mesmo por motivos não relacionados a sua matéria. Permaneci na escola até concluir a 8ª série e iniciaro 1º ano do ensino médio, porém não me dediquei e tive problemas de indisciplina, deixei de estudar para brincar, as únicas aulas que eu realmente gostava era matemática e educação física, durante a maioria das outras aulas eu estava na biblioteca, que para mim continuava sendo o melhor lugar da escola, pois eu lia livros memoráveis, cheguei a comprar alguns no sebo para que as minhas filhas também conhecessem. A biblioteca era enorme, com uma infinidade de livros e o dia que eu resolvia “matar aula”, ia para a biblioteca municipal que ficava bem perto da escola e assim fui reprovada no 1º ano do ensino médio.

Por causa da “bomba” voltei para a escola do bairro, perto de casa novamente. Reencontrei alguns dos amigos dos anos anteriores. Então tive a oportunidade de conhecer a “melhor professora de química”, Jania Aparecida. Ela além de linda era atenciosa, educada e fazia o possível para que nós entendêssemos a matéria, se não tivéssemos entendido ela tinha a paciência de explicar quantas vezes fosse necessário, sem se alterar. Para nos proporcionar boas aulas buscava junto com o professor de biologia, ajuda para escola, tirando até do próprio bolso e isso me deixava “encucada”: Como é que alguém tira do seu próprio bolso para trabalhar? Tem que gostar mesmo do que faz! Nesse período eu não frequentava a biblioteca que não era mais tão atrativa, não tinha nem bibliotecária, íamos somente por determinação da professora de Língua Portuguesa.

Nessa época, como eu já trabalhava, quase não tinha tempo para fazer as tarefas de casa e o tempo que me restava, preferia sair ou fazer qualquer outra coisa, menos ir à escola. Quando estava no 2º ano do ensino médio e tinha atingido a maioridade, resolvi então estudar no turno da noite. Apesar de não concordar, minha mãe aceitou. Devido ao trabalho, sempre chegava na escola cansada e não queria estar ali. A professora Jania conversava muito comigo, tentava aconselhar-me para não desistir da escola. Mas depois que conheci o pai das minhas filhas, não adiantou. Engravidei e não fui mais à escola.

Pelas necessidades e a minha vontade de fazer uma graduação, voltei à escola em 2013, quando minha segunda filha tinha dois anos. Trabalhava durante o dia e a noite estudava. E a “melhor professora de química” ainda ministrava aulas na escola, foi novamente minha “pro” e comemorou junto comigo essa conquista. Foi sofrido, mas graças a Deus, venci essa etapa e consegui terminar o ensino médio.

Quando estava terminando o ensino médio pensava no que eu realmente queria fazer, pensei em todos esses anos estudando e na minha trajetória enquanto aluna. Ser mãe só reafirmou o quanto gosto de crianças, de ensinar. Pensei também nos momentos que passei em contato com as crianças que frequentavam o local onde eu trabalhava, lembrei da importância de cada professor na minha vida e decidi: queria me tornar professora!

Pesquisei muito e vi que a graduação em Pedagogia não era um curso que estava dentro das minhas possibilidades financeiras e dentro da minha disponibilidade naquele momento, pois minhas filhas ocupavam a maior parte do meu tempo. Mas não desisti, pesquisando descobri o curso de magistério, que também abrangeria a área que

eupretendia e poderia cursá-lo a noite, e melhor, era gratuito. Comecei o curso no ano de 2015 na Escola Estadual Américo Renê Giannetti, próximo ao centro da cidade, o que demandava um tempo de deslocamento, e quando surgiu a possibilidade transferi para a Escola Estadual Parque São Jorge, que começara a ofertar o curso e era mais próximo a minha casa.

Estava amando, me identificando com tudo, principalmente pelo fato de estar conciliando a teoria e a prática, duas dimensões indissociáveis do processo de ensino e aprendizagem. No decorrer do curso aprendi muito sobre a vida e o método revolucionário de alfabetização de Paulo Freire – Patrono da Educação de nosso país; pude aprender também como fazer montagem e enfeites de painéis, apresentações, etc.

Trabalhava em um período e no outro estagiava, em alguns dias da semana em uma EMEI (Escola Municipal de Educação Infantil) e nos outros em uma escola e Hotelzinho particular. Eu simplesmente amava aqueles momentos em contato com as crianças. Eu havia feito boa parte do estágio e estava encantada com tudo que vivenciava no dia a dia. Mas, infelizmente, problemas familiares e a falta de alguém que pudesse ficar com as minhas filhas, me afastaram do magistério no início do 3º período.

Fiquei durante muito tempo chateada, e ainda hoje me pergunto o porquê de não ter insistido mais, já que faltava tão pouco, talvez se eu tivesse conversado com a diretora e pedido autorização para levar as meninas comigo, provavelmente ela teria autorizado e eu terminado o curso, mas hoje sei que tudo aconteceu do jeito que precisava ser.

Mesmo tendo desistido do curso de magistério, continuei trabalhando na área e continuava amando esse “mundo encantado”. Quando atendendo a legislação a prefeitura da cidade passou a exigir que as profissionais da educação infantil tivessem a graduação em pedagogia ou o curso de magistério, passei a prestar o processo seletivo para agente de serviços gerais ou para auxiliar administrativo, cargos que só exigiam o ensino médio e assim, eu continuaria dentro das escolas.

Em 2017 enquanto pesquisava novamente sobre os valores e bolsas para a graduação em pedagogia, deparei-me com a notícia de que a Universidade Federal de Uberlândia (UFU) realizaria processo seletivo para o curso gratuito e a distância. Vi ali minha oportunidade. Fiquei atenta às datas, me inscrevi, fiz a prova, e sinceramente, até achei que não havia passado, porque não gostei da minha redação. Sai da sala realmente chateada com a minha prova. confesso que até chorei em casa acreditando que aquela tinha sido minha pior redação da vida. Minha mãe, como sempre, me consolou e pediu

para que eu confiasse em Deus. Quando vi meu nome na lista de aprovados e ainda classificada em 4º lugar da modalidade em que concorri, na 1ª chamada, chorei, pulei, gritei e agradei muito a Deus e a minha mãezinha. Minha primeira graduação estava a caminho!

O curso de pedagogia chegou na hora certa em minha vida. Meu sonho de me tornar professora estava começando a se tornar realidade quando li meu nome naquela lista. Iniciamos o curso em dezembro de 2017, no começo foram várias as dificuldades: como o curso seria a distância, a principal ferramenta de estudos era o computador ligado à internet e meu computador era uma “carroça” e nem tinha internet em casa; além das outras dificuldades, como me adaptar com o sistema online, planejar os horários para os estudos conciliando com as outras tarefas da vida e o mais importante, aprender a estudar sozinha, etc.

Embora o curso seja EAD, nos primeiros anos, nossas provas eram aplicadas presencialmente no polo da Universidade Aberta do Brasil (UAB), no Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacional Julieta Diniz (CEMEPE), encontrar “ao vivo e a cores” com todas as pessoas que só víamos através das telas, era excepcional; e assim, fiz inúmeros amigos que levarei para o resto de minha vida. Por ser muito extrovertida, comunicativa e por querer demais comemorar a conquista de minha primeira graduação, junto com algumas amigas resolvemos tomar a frente da comissão, correndo atrás do necessário para fazermos de nossa formatura, “a festa”, o que veio colaborar para relacionar-me com um número ainda maior de pessoas dentro do curso.

Durante os anos de 2018 e 2019 pude participar de vários eventos presenciais na faculdade: cursos, seminários, rodas de conversas, palestras, etc; tendo assim, a oportunidade de conhecer e conviver pessoalmente, mesmo que pouco, com os anfiteatros, blocos e salas da UFU e com muitos de meus professores; pude socializar com outros docentes e discentes de diferentes cursos e/ou polos que vinham para os eventos.

Tive também a oportunidade de participar do Programa “Mais Alfabetização” na Escola Estadual Rio das Pedras, localizada próxima ao bairro em que moro, onde minhas filhas estudavam na época. Participava ativamente do colegiado como mãe e sempre que possível, apoiava e auxiliava as professoras em eventos e passeios. A diretora Iracema me convidou para fazer o processo seletivo. Fiz e consegui ser estagiária da escola pelo programa.

Desenvolvia atividades com os alunos do 1º ao 3º anos do ensino fundamental

do turno da tarde, que envolviam principalmente, acompanhar e auxiliar os que tinham mais dificuldades na escrita, leitura e matemática. Durante o acompanhamento, pude notar que a maioria desses alunos não havia cursado a Educação Infantil, entrando diretamente no Ensino Fundamental; e parte da dificuldade deles era exatamente pela falta de acompanhamento: a professora já sobrecarregada, com mais ou menos trinta e cinco alunos em sala, não tinha como sanar as dúvidas de todos, que como agravante não contavam com ajuda em casa. Assim, me apaixonei pela área da alfabetização e descobri no que realmente me aprofundar: quero entender os aspectos, os “porquês” e os problemas que tornam a aprendizagem mais difícil para uns do que para outros.

Agradeço a Deus pela força recebida, por conseguir nesse período ser mãe, estudante, trabalhadora e ainda, pedalar sete km (ida e volta) da minha casa para a faculdade para conseguir participar e buscar oportunidades de conhecer, saber, aprender.

No início do ano letivo de 2020, o mundo parou por causa da pandemia de Corona Vírus e todas as atividades tiveram que ser interrompidas, escolas e faculdades fechadas, todos os eventos que envolviam encontros de pessoas, adiados; e assim, ao longo desses quase dois anos em que só tivemos atividades remotas, muitos de meus colegas não tiveram as mesmas oportunidades de aprendizagem e participação ativa e presencial que tive.

Graças a Deus e apesar das dificuldades, pude aprender muito com as disciplinas cursadas no decorrerdestes anos de graduação, como por exemplo: Princípios e Organização do Trabalho do Pedagogo - POTP (I ao VI), Didática (I ao IV), Projeto Integrado de Prática Educativa – PIPE (I a IV) e Princípio e Métodos de Alfabetização (I e II) – PMA. Por meio desses conteúdos foi possível ampliar meus conhecimentos sobre os campos de atuação, a profissionalização e a intensificação do trabalho docente, a importância que deve ser dada à pesquisa na formação de professores, o papel do pedagogo e sua relevância para sociedade e para a formação de cidadãos e principalmente, pude aprender sobre as teorias que embasam os processos de ensino e aprendizagem, a história da escrita, os métodos e as formas de alfabetização utilizadas desde os primórdios da civilização humana, campos de meu interesse.

Sou apaixonada pela área da educação, em estar perto das crianças e espero ser para os alunos que passarem por mim, pelo menos a metade do que foram as professoras que me trouxeram para esse caminho. As melhores professoras que já conheci e espero honrar: a primeira professora de minha vida, minha mãezinha querida,

que mesmo não tendo diploma docente, ensinou-me muito do que sei hoje, ajudou nos primeiros passos, me incentivou a ler quando criança dando-me meus primeiros livros, sempre me dando força, me incentivou e acreditou em mim; a professora Antônia (do pré), com todo seu carinho atenção e dedicação aos alunos e que continua lecionando do 1º ao 5º ano, tive o prazer de reencontrá-la em um dos trabalhos de campo, agradecer e falar da minha inspiração; Professoras Márcia e Simone, ambas dos anos finais do ensino fundamental, tinham um jeitinho de chamar a atenção para o conteúdo e as aulas, por último e não menos importante, minha incentivadora do ensino médio, Professora Jania, com toda sua paciência para explicar quantas vezes fossem necessárias, sem se alterar; e por último mas não menos importante, tive a oportunidade de conhecer um pouco melhor e admirar ainda mais a vida e carreira, da Professora Maria Irene Miranda, Professora do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Uberlândia e minha orientadora na construção deste trabalho.

Como ser em eterna evolução, aprendizado e crescimento, quero continuar aprendendo, para ser e fazer a diferença, principalmente em minha trajetória como docente, que se inicia com o encerramento desta graduação. Ainda há muito a se fazer e minha maior expectativa nesse momento é, realmente, a conclusão do curso, minha tão sonhada formatura e, se Deus permitir, minha pós-graduação logo em seguida.

Através deste Memorial Acadêmico, pude olhar para meu passado, refletir sobre minha trajetória, lembrar e reviver os momentos e pessoas importantes, que me fizeram ser quem sou e chegar aqui, onde estou. Só posso dizer que até esse ponto, não foi fácil, foram vários os desafios e muitos os momentos em que pensei em desistir; mas a cada disciplina vencida me convencia que não tinha outro caminho a seguir; meu destino estava traçado desde o início de minha vida escolar. É como afirma Paulo Freire: “ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar”. (FREIRE, 1997, p. 155).

Assim, encerro a desafiante e agradável descrição de minha trajetória para, em seguida, iniciar a Seção II, onde abordo o tema - “Alfabetização em tempos de Pandemia: desafios e possibilidades”, a partir do referencial teórico que embasa minhas reflexões.

2- SEÇÃO II

2.1- Dialogando com os teóricos sobre o tema em estudo

O objetivo desse trabalho é fazer uma análise sobre o processo de alfabetização e seus desafios no contexto da pandemia do COVID-19. A inesperada ruptura com a rotina que estávamos acostumados gerou uma série de mudanças em nossas relações, sendo uma das principais entre professores, alunos e a escola. Nenhum destes estava preparado para as transformações que ocorreram no mundo e teve que se organizar para construir um planejamento eficaz e produtivo para diminuir os efeitos do distanciamento físico.

Diante disso foi necessário repensar a prática enquanto educadores para não se distanciarem dos alunos, não os deixando carentes de um ensino significativo e de qualidade. Foi fundamental a busca por alternativas coerentes às transformações.

Nesse contexto principalmente a alfabetização, etapa de extrema importância para o desenvolvimento e aprendizagem da criança, que necessita de acompanhamento contínuo da professora, o distanciamento pode dificultar a aprendizagem de forma efetiva e qualitativa.

Considerando esses aspectos, no primeiro momento o presente trabalho apresenta uma análise das concepções adotadas historicamente nas escolas do Brasil para a alfabetização. Após isso faz uma abordagem de como se dá o processo de alfabetização dos alunos, conforme o pensamento de Emília Ferreiro acerca das hipóteses do desenvolvimento do aluno na aquisição da escrita e da leitura. Por fim, uma análise de como a pandemia afetou a prática pedagógica dos professores alfabetizadores, que tiveram que pensar alternativas para o ensino significativo e de qualidade, pois a alfabetização é um processo social que pode tornar o ser humano agente de transformação do mundo.

2.2 - Concepções sobre a Alfabetização nos diferentes momentos históricos

Muitos docentes ainda definem o processo de alfabetização como sendo apenas sinônimo de técnicas e/ou procedimentos de ensino, que podem ser aplicados à todas as

realidades, para qualquer aluno, em qualquer escola ou momento histórico; pelo contrário, o processo de alfabetização requer uma tomada de posição política, histórica, epistemológica, psicológica, pedagógica do profissional da educação; assim como o pleno domínio de um referencial teórico suficientemente sólido para explicar a realidade vivenciada e também a compreensão dos limites e possibilidades desse referencial no contexto em que será aplicado. Além disso, todo método criado é diretamente influenciado pelo seu criador/aplicador de suas convicções e concepções sobre o aluno, a aprendizagem, os materiais e livros didáticos (MORTATTI, 2006).

Desde a implantação do modelo republicano de escola, já se passaram cerca de cem anos e o fracasso na alfabetização foi e ainda é tema amplamente discutido por administradores públicos, legisladores do ensino, intelectuais de diferentes áreas de conhecimento, educadores e professores, em vários e diferentes momentos da história de nosso país. Desta forma, pudemos observar os esforços de mudança em cada momento histórico para tentar superar o modelo de ensino homogêneo e tradicionalista, tido como grande parte do fracasso na alfabetização.

Em Conferência proferida durante o Seminário "Alfabetização e letramento em debate", promovido pelo Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental da Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação, realizado em Brasília, em 27/04/2006, Maria Rosário Longo Mortatti analisa em seu trabalho apresentado que:

Por quase um século, esses esforços se concentraram, sistemática e oficialmente, na questão dos métodos de ensino da leitura e escrita, e muitas foram as disputas entre os que se consideravam portadores de um novo e revolucionário método de alfabetização e aqueles que continuavam a defender os métodos considerados antigos e tradicionais. A partir das duas últimas décadas, a questão dos métodos passou a ser considerada tradicional, e os antigos e persistentes problemas da alfabetização vêm sendo pensados e praticados predominantemente, no âmbito das políticas públicas, a partir de outros pontos de vista, em especial a compreensão do processo de aprendizagem da criança alfabetizanda, de acordo com a psicogênese da língua escrita. (MORTATTI, 2006, p.3)

Conforme nos foi apresentado na disciplina de Princípios e métodos de alfabetização I, existem tradicionalmente, dois grupos fundamentais de métodos de alfabetização: os sintéticos que partem de elementos menores que a palavra, como fonemas, letras e sílabas; e os analíticos que partem de palavras, sentenças ou contos. Sendo assim,

Na história dos métodos temos dois marcos fundamentais: aqueles métodos que elegem sub-unidades da língua e que focalizam aspectos relacionados às correspondências fonográficas, ou seja, o eixo da decifração, e os métodos que priorizam a compreensão. Ambos têm como conteúdo o ensino da escrita, mas diferem em pelo menos dois aspectos: a) quanto ao procedimento mental, ou ponto de partida do ensino que se daria das partes para o todo nos métodos sintéticos e do todo para as partes nos métodos analíticos; b) quanto ao conteúdo da alfabetização que ensinam (FRADE, 2003: s/p).

A partir dessa organização Mortatti (2006) afirma que existem quatro momentos dos métodos de alfabetização, conforme descritos a seguir.

2.2.1- 1º momento:

Método de marcha sintética: As poucas escolas existentes até o final do período do Império brasileiro, não eram subsidiadas pelo governo e o ensino dependia principalmente do esforço e empenho do professor e de seus alunos; conhecido como “aulas régias”, eram ministradas em salas improvisadas e muitas vezes inapropriadas a este fim, recebiam alunos de idades e conhecimentos diversificados, os materiais utilizados para o ensino da leitura também eram muito precários, surgindo materiais impressos para o ensino da leitura (sob a forma de livros), apenas a partir da segunda metade do século XIX, eram as chamadas “cartas de ABC” e depois se liam e se copiavam documentos manuscritos.

Assim, neste período, o ensino da escrita, estava restrito a caligrafia e ortografia, sendo praticado com cópias e ditados e avaliado pelo desenho correto das letras; Já o ensino da leitura, partia-se da “parte” para o “todo”: soleturação (método da soleturação alfabética), ensinando-se primeiramente o nome das letras e sua correspondência com os sons (método fônico), ou seja, entre oral e escrito; depois, a emissão de sons partindo das sílabas (método da sílabação); reunidas as letras ou os sons em sílabas, ou conhecidas as famílias silábicas, só aí, ensinava-se a ler palavras formadas com essas letras e/ou sons e/ou sílabas; chegando por fim, ao ensino de frases isoladas ou agrupadas, sempre dentro de uma ordem crescente de dificuldade.

Segundo Oliveira (2019), um processo que estimula a atividade da escrita, como o silábico ou o fônico, e que exige discriminação visual e auditiva precisa e processamento analítico de unidades menores que a palavra, além de desvinculado de qualquer significação real para o educando transforma-o em mero receptor, anulando

sua competência linguística e suas capacidades cognitivas. Esse processo, na verdade, está impedindo a interação do educando com a língua escrita, deixando de lado qualquer consciência metalinguística que já possua. Crianças que ainda não construíram a escrita alfabética não conseguem assimilar famílias silábicas, pois ainda não entendem que a vogal modifica o som da sílaba ($b+a=ba$, $b+e=be$, etc.), ou que uma sílaba pode possuir mais de um fonema a ser representado. A cada nova família silábica tem que decorar cinco novas sílabas, pois não conseguem transferir, automaticamente, de *ba* para *be*, etc. (OLIVEIRA, 2019)

A partir do início da década de 1880, o “método João de Deus” contido na *Cartilha Maternal ou Arte da Leitura*, escrita pelo poeta português João de Deus e publicada em 1876, passou a ser divulgado sistemática e programaticamente principalmente nas províncias de São Paulo e do Espírito Santo, por Antônio da Silva Jardim, ficando conhecido como “método de palavração”, que se baseava em iniciar o ensino da leitura pela palavra, para depois analisá-la a partir dos valores fonéticos das letras. Por essa razão, Silva Jardim considerou esse método como fase científica e definitiva no ensino da leitura e fator de progresso social. Mortatti(2006), diz que:

Esse 1º momento se estende até o início da década de 1890 e nele tem início uma disputa entre os defensores do "método João de Deus" e aqueles que continuavam a defender e utilizar os métodos sintéticos: da soletração, fônico e da silabação. Com essa disputa, funda-se uma nova tradição: o ensino da leitura envolve necessariamente uma questão de método, ou seja, enfatiza-se o como ensinar metodicamente, relacionado com o que ensinar; o ensino da leitura e escrita é tratado, então, como uma questão de ordem didática subordinada às questões de ordem linguística (da época). (MORTATTI, 2006, p.6)

Sobre este método Ferreiro(1994), afirma:

Pode-se pensar que um sistema de representação constituído seja adquirido por novos usuários como se tratasse de uma codificação. Essa é uma convicção subjacente à maior parte das proposições pedagógicas relativas ao ensino da leitura: prepara-se a criança para reconhecer as unidades-letras por meios de exercícios de reconhecimento de unidades-fonéticas e procede-se à fixação da relação das unidades entre si (evitando ao máximo as ditas ‘exceções’ do princípio de biunivocidade entre letras e sons). As questões epistemológicas são, dessa forma, eliminadas; e, no entanto, as maiores dificuldades das crianças são exatamente de natureza epistemológica (FERREIRO, 1994, p.67).

Fica explícito que o método da marcha sintética carecia de uma maior aproximação das necessidades subjetivas de cada criança; pois adotava uma abordagem

padronizada na alfabetização, de modo que cada criança deveria se adequar ao método e não o método levar a criança à compreensão do que estava sendo ensinado, ofertando, assim, um ensino mecânico.

2.2.2- 2º momento:

O segundo momento ocorre a partir de 1890 quando se implementou a reforma da instrução pública no estado de São Paulo, iniciada com a reorganização da Escola Normal de São Paulo e a criação da Escola-Modelo, onde os normalistas desenvolviam atividades "práticas" e os professores dos grupos escolares (tanto da capital, quanto do interior do estado), deveriam buscar seu modelo de ensino.

Do ponto de vista didático, a base da reforma estava nos novos métodos de ensino, em especial no então novo e revolucionário método analítico, que já estava sendo utilizado para o ensino da leitura na Escola-Modelo; segundo Mortatti(2006):

Diferentemente dos métodos de marcha sintética até então utilizados, o método analítico, sob forte influência da pedagogia norte-americana, baseava-se em princípios didáticos derivados de uma nova concepção — de caráter biopsicofisiológico — da criança, cuja forma de apreensão do mundo era entendida como sincrética. A despeito das disputas sobre as diferentes formas de processuação do método analítico, o ponto em comum entre seus defensores consistia na necessidade de se adaptar o ensino da leitura a essa nova concepção de criança. (MORTATTI, 2006, p.7)

Oliveira (2019) analisa que os processos existentes no método analítico, se dividem em palavração (inicia com o aprendizado da palavra), sentencição (parte de sentenças) e global de contos ou historietas (se inicia com a memorização de histórias ou contos). Partem de unidades de significado, como as palavras, sentenças ou textos, e trabalham sob a perspectiva de realização da análise, ou seja, destacam das unidades linguísticas maiores os elementos menores, como sílabas e letras. Mesmo os processos analíticos, que se preocupam com a coerência e o significado do que vai ser escrito ou lido, caem nesse artificialismo, visto que se restringem a cartilhas e não propiciam um uso social da língua escrita (OLIVEIRA, 2019).

De início, o método analítico defendia que o ensino da leitura deveria ser iniciado pelo “todo”, para depois se proceder à análise de suas partes constitutivas, porém, o método foi sofrendo alterações de acordo com o que seu defensor considerava ser o “todo” (palavra, sentença ou historieta).

No início do século XX, as cartilhas produzidas a fim de alfabetizar, basearam-se programaticamente no método de marcha analítica (processos da palavração e sentencição), buscando se adequar às instruções oficiais, no caso paulista; mas a partir daí uma disputa acirrada foi iniciada entre os que defendiam o ensino da leitura dentro do novo e revolucionário método analítico e os defensores dos tradicionais métodos sintéticos, em especial o da silabação. Ao mesmo tempo, ocorria uma outra disputa entre os professores paulistas e o fluminense João Köpke, a respeito dos diferentes modos de processuação do método analítico.

No final da década de 1910, o termo “alfabetização” começa a ser utilizado para se referir ao ensino inicial da leitura e da escrita; porém as discussões e ênfase dada a respeito de qual método deveria ser utilizado para o ensino inicial da leitura, se estenderam até meados de 1920, sendo que o ensino da escrita continuava de forma latente, por ser entendido apenas como uma questão de caligrafia (vertical ou horizontal) e de tipo de letra a ser usada (manuscrita ou de imprensa, maiúscula ou minúscula), o que demandava especialmente treino, mediante exercícios de cópia e ditado.

Segundo Mortatti (2006), as disputas ocorridas neste 2º momento fundaram outra nova tradição no ensino da leitura envolvendo enfaticamente questões didáticas, ou seja, o como ensinar, a partir da definição das habilidades visuais, auditivas e motoras da criança a quem ensinar; dessa forma, o ensino da leitura e da escrita passa a ser tratado como uma questão de ordem didática subordinada às questões de ordem psicológica da criança.

Neste momento surgiram graves críticas aos processos existentes: 1º) Tanto no caso dos processos analíticos, quanto nos sintéticos não era permitido a exploração como, por exemplo, a escrita de palavras novas (que ainda não haviam sido aprendidas), não deixando que o aprendiz explorasse e se apropriasse do objeto conceitual que é a língua escrita, pois, caso errasse, segundo a concepção dos métodos, o erro seria fixado. 2º) Os métodos tradicionais tinham como consequência de seu uso, a falta de confiança do alfabetizando para buscar seu conhecimento, tornando-se mero receptor das informações transmitidas pelo professor, fazendo com que se recusasse a escrever o que ainda não havia aprendido na escola. Oliveira (2019) diz que:

Esse fato implica que, do ponto de vista escolar, o educando aprende a reproduzir os estímulos apresentados pelo professor, mas, do ponto de vista conceitual, seu desenvolvimento é restrito, pois a aprendizagem foi descontextualizada, centrada em situações artificiais; então, ele não

consegue raciocinar e transferir seu conhecimento para os outros contextos, ou seja, generalizar. (OLIVEIRA, 2019, p.18)

Os processos sintéticos têm a leitura como uma espécie de transcrição de unidades sonoras em unidades gráficas e, por isso, consideram essencial para a alfabetização a discriminação perceptiva, tanto visual quanto auditiva, e habilidade motora; já nos processos da marcha analítica, a escrita é objeto de memorização. Assim, segundo Oliveira (2019):

Se considerarmos escrever como a construção “de uma representação de regras socialmente codificadas” e ler como a reconstrução de “uma realidade linguística, a partir da interpretação dos elementos fornecidos pela representação”, o processo de alfabetização ocorrerá pela compreensão da natureza desse sistema de representação, ou seja, o educando vai reconstruir esse sistema, comparando suas hipóteses sobre a escrita com a escrita convencional, até construir uma representação alfabética. (OLIVEIRA, 2019, p.18)

Oliveira (2019) faz então uma diferenciação entre os métodos sintéticos e o método de marcha analítica, segundo ela:

Em linhas gerais, podemos dizer que os métodos sintéticos: Propõem progressão de unidades menores (letra, fonema, sílaba) para unidades mais complexas (palavra, frase, texto); Privilegiam aspectos de decodificação, análise fonológica, relações entre fonemas (sons) e grafemas (letras). Embora focalizem capacidades essenciais à alfabetização, os métodos sintéticos, se considerados isoladamente, apresentam limitações: não exploram as complexas relações entre fala e escrita (semelhanças e diferenças); descontextualizam a escrita, seus usos e funções sociais, pela ênfase em situações artificiais de treinamento de letras, fonemas ou sílabas.

Quanto aos métodos de marcha analítica, podemos afirmar que: propõem progresso de unidades de sentido mais amplas (palavra, frase, texto) a unidades menores (sílabas e sua decomposição em grafemas e fonemas); privilegiam compreensão de sentidos e aprendizagem ideovisual (reconhecimento global pela silhueta das palavras ou frase). Embora focalizem capacidades essenciais à alfabetização, os métodos analíticos, se considerados isoladamente, apresentam limitações: mantêm rígido controle da sequência do processo e das possibilidades de interação da criança com a escrita; enfatizam a apresentação artificial e repetitiva de palavras, frases e textos curtos, em função da repetição e da memorização. (OLIVEIRA, 2019, p.19)

No entanto, pode-se considerar que ainda há similaridades entre os métodos sintéticos e analíticos, conservando em sua essência um sistema mecânico, sem possibilitara criança uma compreensão mais abrangente da alfabetização, que desenvolva paralelamente ao ensino da leitura e da escrita, a consciência das relações sociais e culturais da língua.

2.2.3- 3º momento:

A partir de 1920, após a "Reforma Sampaio Dória" (que propôs a “autonomia didática”) e das novas urgências políticas e sociais, houve um aumento na resistência por parte dos professores na utilização do método analítico, o que levou a busca de novas propostas para solucionar os problemas do ensino/aprendizagem iniciais da leitura e da escrita.

As disputas entre os defensores de cada método não cessaram, e os docentes defensores do método analítico continuavam a utilizá-lo e a propagandear sua eficácia, mas agora, buscando conciliar os dois tipos básicos de métodos (sintéticos e analíticos);

(...)o tom de combate e defesa acirrada que se viu nos momentos anteriores, foi-se diluindo gradativamente, à medida que se acentuava a tendência de relativização da importância do método e, mais restritamente, a preferência, nesse âmbito, pelo método global (de contos); (MORTATTI, 2006, p. 8)

Dessa forma, passou-se a utilizar métodos mistos ou ecléticos (analítico-sintético ou vice-versa), que eram considerados mais rápidos e eficientes. Assim, a disseminação, repercussão e institucionalização das então novas e revolucionárias bases psicológicas da alfabetização contidas no livro *Testes ABC para verificação da maturidade necessária ao aprendizado da leitura e escrita* (1934), escrito por M. B. Lourenço Filho; ajudaram no destaque da tendência de relativização da importância do método. Segundo MORTATTI, nesse livro, o autor apresenta resultados de pesquisas com alunos de 1º grau (atual 1ª série/ano do ensino fundamental), que realizou com o objetivo de buscar soluções para as dificuldades de crianças no aprendizado da leitura e escrita. Propôs, então, as oito provas que compõem os testes ABC, como forma de medir o nível de maturidade necessária ao aprendizado da leitura e escrita, a fim de classificar os alfabetizandos, visando à organização de classes homogêneas e à racionalização e eficácia da alfabetização.

Foi nesta mesma época que as cartilhas passaram a se basear predominantemente nos métodos mistos ou ecléticos (analítico-sintético e vice-versa), passando também a ser acompanhadas pelos manuais do professor; além de haver o surgimento da ideia e a prática do "período preparatório”.

Constituiu-se então, um ecletismo processual e conceitual da alfabetização (aprendizado da leitura e escrita) envolvendo obrigatoriamente uma questão de “medida”, subordinando o método de ensino ao nível de maturidade das crianças em classes homogêneas; neste momento, o aprendizado da escrita e da leitura demandava um “período preparatório” que consistia em exercícios de discriminação e coordenação viso-motora e auditivo-motora, posição de corpo e membros, dentre outros; desta maneira, a escrita passou a ser ensinada simultaneamente ao ensino da leitura, mas ainda continuava sendo entendida apenas como uma questão de habilidade caligráfica e ortográfica.

Nesse 3º momento, que se estende até aproximadamente o final da década de 1970, funda-se uma outra nova tradição no ensino da leitura e da escrita: a alfabetização sob medida, de que resulta o como ensinar subordinado à maturidade da criança a quem se ensina; as questões de ordem didática, portanto, encontram-se subordinadas às de ordem psicológica. (MORTATTI, 2006, p. 10)

Houve uma evolução entre esse terceiro momento e os dois anteriores, de modo que o estágio em que a criança se encontra passa a ser um critério relevante na alfabetização, não mais vista de modo autômato, mas como um ser em desenvolvimento que passa por etapas que devem ser observadas caso se queira um ensino efetivo.

2.2.3- 4º Momento

A partir dos anos 1980, influenciados pelo pensamento de Emília Ferreiro, a escola brasileira começou a adotar uma postura construtivista, negando os métodos tradicionais e o uso de cartilhas na alfabetização (MORTATTI, 2006). Apesar de não ter acontecido uma ruptura instantânea, nem uma adesão completa ao modelo construtivista, os educadores brasileiros começaram a incorporar em sua prática os princípios dessa teoria, apostando numa atitude diferente.

Como um processo recente, os efeitos do construtivismo no sistema educacional brasileiro ainda permanecem e direcionam o planejamento das diretrizes de ensino. Um exemplo disso são os *Parâmetros Nacionais Curriculares (PCNs)*, que possuem em sua proposta um olhar construtivista sobre a avaliação dos alunos (MORTATTI, 2006). Em decorrência desse processo surge o que os pesquisadores chamam de *desmetodização da alfabetização* (decorrente da ênfase em quem aprende e o como aprende a língua escrita

- lecto-escritura), gerando discussões acerca da didática utilizada pelo professor no ensino, acreditando de forma ilusória que ela não influencia a aprendizagem do aluno.

Nesse sentido Mortatti (2006) explica que:

Dentre a multiplicidade de problemas que enfrentamos hoje a respeito do ensino inicial da leitura e escrita, as dificuldades decorrentes, em especial, da ausência de uma “didática construtivista” vêm abrindo espaço para a tentativa, por parte de alguns pesquisadores, de apresentar "novas" propostas de alfabetização baseadas em antigos métodos, como os de marcha sintética. Devo, ainda, mencionar, pelo menos, dentre essa multiplicidade de aspectos, as discussões e propostas em torno do letramento, entendido ora como complementar à alfabetização, ora como diferente desta e mais desejável, ora como excludentes entre si.(MORTATTI, 2006, p. 12)

Pode-se afirmar que a alfabetização não é um processo homogêneo e que mantém um padrão histórico em seu método, mas se adapta e modifica conforme as transformações epistemológicas, culturais e sociais de sua época. Diante disso é importante considerar que o ensino da leitura e da escrita deve procurar se adequar as demandas contemporâneas, tanto no que se refere ao modelo de criança atual, quanto às pesquisas e estudos da área (MORTATTI, 2006).

Atualmente a pandemia de Covid-19 trouxe uma série de desafios que provavelmente mudarão a prática do professor, tornando-se necessário olhar para trás e compreender as mudanças ocorridas.

A seguir, far-se-á uma análise do atual processo de alfabetização, mostrando como o pensamento de Emília Ferreiro continua sendo influente para uma abordagem mais significativa da alfabetização, possibilitando a criança uma compreensão maior daquilo que está aprendendo.

2.3- O processo de alfabetização

O ensino da leitura e da escrita acontece de forma mais sistematizada nos primeiros anos do ensino fundamental e tem como objetivo possibilitar a criança a compreensão acerca do sistema de signos e símbolos da nossa língua. Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) a alfabetização tem como foco “garantir amplas oportunidades para que os alunos se apropriem do sistema de escrita alfabética de modo articulado ao desenvolvimento de outras habilidades de leitura e de escrita e ao seu envolvimento em práticas diversificadas de letramentos” (BRASIL, 2018, p.59).

Assim o processo de alfabetização deve considerar uma série de fatores para que seja efetivo e significativo para os alunos, desenvolvendo concomitante à competência linguística, a consciência do mundo e de si mesmo, emancipando os educandos nessa trajetória. Ou seja, a prática alfabetizadora busca desenvolver a leitura crítica do mundo e tornar o alfabetizando um agente da transformação pelas informações que é capaz de compreender.

Para Freire e Macedo (2011) a alfabetização é uma:

Relação dialética dos seres humanos com o mundo, por um lado, e com a linguagem e com a ação transformadora, por outro. Dentro dessa perspectiva, a alfabetização não é tratada meramente como uma habilidade técnica a ser adquirida, mas como fundamento necessário à ação cultural para a liberdade, aspecto essencial daquilo que significa ser um agente individual e socialmente constituído. Ainda da maior importância, a alfabetização para Freire é, inerentemente, um projeto político no qual homens e mulheres afirmam seu direito e sua responsabilidade não apenas de ler, compreender e transformar suas experiências pessoais, mas também de reconstituir sua relação com a sociedade mais ampla. (FREIRE; MACEDO, 2011, p.31).

Partindo desse pressuposto a alfabetização tem início muito antes de sua formalização no ensino fundamental. Ela se inicia até mesmo antes da educação infantil, através das vivências no contexto social e das práticas de musicalização, brincadeiras e histórias. A partir da exploração das inúmeras formas de expressão linguística a criança vai tomando consciência do amplo mundo de signos e sons que compõem a sua língua. Segundo a BNCC:

As diversas práticas letradas em que o aluno já se inseriu na sua vida social mais ampla, assim como na Educação Infantil, tais como cantar cantigas e recitar parlendas e quadrinhas, ouvir e recontar contos, seguir regras de jogos e receitas, jogar games, relatar experiências e experimentos, serão progressivamente intensificadas e complexificadas, na direção de gêneros secundários com textos mais complexos. (BRASIL, 2018, p.91)

Assim, é de suma importância que qualquer prática de alfabetização que queira ser bem-sucedida considere o universo subjetivo de cada aluno, pois a sua experiência com a língua e o seu conhecimento de mundo ditará o ritmo com o qual assimilará os conteúdos da alfabetização.

Tomando como fundamento a teoria construtivista piagetiana que considera a criança como agente protagonista na construção do conhecimento, a Psicóloga e pedagoga Emília Ferreiro considera que toda a bagagem do aluno, anterior ao seu contato com a escrita e a leitura, tem papel preponderante na forma da sua aprendizagem.

Segundo Anacleto (2013, p.16):“para que a criança seja capaz de operar com a escrita, ela necessita recriar esse sistema de representação, ou seja, construir internamente uma solução para esse desafio epistemológico”. Nesse processo o aluno passa a fazer uma análise dos elementos constitutivos desse sistema representativo, as semelhanças e diferenças, a relação entre o todo e as partes, e entre identidade e série (ANACLETO, 2013).

O primeiro estágio no processo de alfabetização, segundo Emília Ferreiro, é a relação que a criança estabelece entre escrita e desenho, tomando a escrita como uma espécie de objeto substitutivo ao desenho, como representação das coisas e objetos da realidade, de forma que ela associa a escrita ainda com o objeto e não a escrita com a linguagem (ANACLETO, 2013). Ou seja, a criança que está nessa fase representa através da escrita um objeto material e não o conteúdo abstrato do pensamento veiculado pela linguagem.

Num segundo momento a criança passa a compreender a escrita como representação do nome do objeto, ou seja, não está vinculado a uma ideia da coisa, mas com a sua identificação. Assim sendo, a criança ainda tem dificuldade de relacionar a escrita sem uma imagem definida do objeto, é necessário que a palavra esteja vinculada a uma figura. Para Anacleto(2013, p.18) isso se deve porque o raciocínio da criança segue a lógica do desenho, “segundo a qual a representação de objetos é o que sustenta a mensagem”. Apegadas à relação icônica da escrita as crianças ainda não compreendem que a linguagem representa muito mais do que apenas o nome das coisas, de modo que a colocação de verbos, artigos e pronomes na escrita lhe parecem confusas (ANACLETO, 2013).

Na próxima etapa a criança começa a se atentar para as propriedades gráficas da escrita, sem ainda compreender a relação fonológica entre as letras. A criança intui que há uma ordem e sistemas específicos que garantem a estrutura de uma palavra e que devem necessariamente ser seguidos para que haja sentido. Aqui se inicia a primeira relação que a criança estabelece entre escrita e linguagem, e não mais entre escrita e objeto (ANACLETO, 2013).

O próximo estágio é um marco importante na aquisição da escrita, pois a criança passa a compreender que a escrita pode ter um valor sonoro. A partir disso apresentam-se duas hipóteses propostas por Ferreiro: a hipótese silábica, onde a criança utiliza cada letra como representando uma sílaba. A outra hipótese é a alfabética onde as crianças

compreendem que “os caracteres da escrita correspondem a valores sonoros menores que a sílaba” (ANACLETO, 2013,p.19).

Em face disso é necessário que o professor tenha entendimento dessas etapas que a criança percorre até estar alfabetizada e proponha atividades de acordo com o seu tempo e conhecimentos prévios. Segundo a BNCC:

Alfabetizar é trabalhar com a apropriação pelo aluno da ortografia do português do Brasil escrito, compreendendo como se dá este processo (longo) de construção de um conjunto de conhecimentos sobre o funcionamento fonológico da língua pelo estudante. Para isso, é preciso conhecer as relações fono-ortográficas, isto é, as relações entre sons (fonemas) do português oral do Brasil em suas variedades e as letras (grafemas) do português brasileiro escrito. Dito de outro modo, conhecer a “mecânica” ou o funcionamento da escrita alfabética para ler e escrever significa, principalmente, perceber as relações bastante complexas que se estabelecem entre os sons da fala (fonemas) e as letras da escrita (grafemas), o que envolve consciência fonológica da linguagem: perceber seus sons, como se separam e se juntam em novas palavras etc. Ocorre que essas relações não são tão simples quanto as cartilhas ou livros de alfabetização fazem parecer. Não há uma regularidade nessas relações e elas são construídas por convenção. Não há, como diria Saussure, “motivação” nessas relações, ou seja, diferente dos desenhos, as letras da escrita não representam propriedades concretas desses sons. (BRASIL, 2018, p.92)

Para Ferreiro (1996), a leitura e escrita são sistemas construídos paulatinamente. As primeiras escritas feitas pelos educandos no início da aprendizagem devem ser consideradas como produções de grande valor, porque de alguma forma os seus esforços foram colocados nos papéis para representar algo.

Logo a alfabetização depende de uma série de fatores para que seja significativa e efetiva, levando o educando a tomar consciência da importância e do uso da linguagem no dia a dia, como uma atividade essencial no processo social e humano. Mais do que ensinar a decodificar os signos da língua, é necessário ensinar a interpretar e compreender os significados.

Diante disso, com a pandemia de Covid-19 a alfabetização se tornou um desafio e uma necessidade ainda maior. Se antes o ensino já carecia de alguns suportes, com o distanciamento aumentaram as dificuldades que o professor se defronta. E as crianças ausentes da escola e da imersão que ela proporciona na vida social e cultural, precisam do ensino e da interação para que se desenvolvam de forma significativa e não fiquem sem orientação educacional. Assim, a seguir serão abordados os impactos que a

pandemia trouxe na vida das crianças e professores e como ambos podem trabalhar para conjuntamente superar esses problemas contemporâneos.

2.4- Dificuldades da alfabetização no contexto da pandemia

Um dos grandes desafios da atualidade tem sido o ensino remoto através do uso de tecnologias. Com a pandemia de Covid-19 os professores tiveram que repensar as suas práticas para que a educação chegasse até as crianças e cumprisse as expectativas quanto as suas etapas de aprendizagem.

No entanto, como é um processo novo, muitos entraves apareceram e ainda aparecem nessa caminhada. A falta de recurso tanto das escolas quanto dos alunos, a falta de envolvimento e engajamento, a indisponibilidade de alguns pais para ajudarem são exemplos dessas dificuldades.

Quando somadas, todas essas barreiras interferem na aprendizagem do aluno que já tinha que lidar com uma série de outros fatores inerentes nesse processo, como a situação precária das escolas públicas, principalmente as da periferia, a dificuldade de se manter na escola devido à falta de incentivo ou a necessidade de ajudar em casa para complementar a renda etc. Dessa forma, cabe ao professor ter muito mais sensibilidade, engajamento e disciplina para tornar o ensino mais significativo, indo muito além das práticas conservadoras e trabalhando com conteúdos interativos para despertar o interesse e a atenção das crianças para o conhecimento. Segundo Temóteo (2021):

As dificuldades e incertezas que se instauraram nas instituições de ensino, a partir da decretação da pandemia, requereram urgência na solução dos conflitos, poder de decisão, redimensionamento de práticas e a construção de um novo fazer pedagógico. (TEMÓTEO 2021, p.74)

Ao falarmos de alfabetização tudo se torna ainda mais complicado, visto que as crianças ficam em casa à mercê dos dispositivos eletrônicos que pouco exploram as capacidades linguísticas. A falta de contato com textos e imagens textuais distancia as crianças da realidade da alfabetização e dificultam a compreensão do funcionamento do sistema de escrita.

Sem um espaço adequado e um acompanhamento constante do professor para orientar e avaliar o progresso da criança, tudo se torna muito incerto. Soares (2020) afirma que:

Diagnosticar o nível de compreensão da escrita em que se encontram as crianças tem, para a ação educativa de alfabetizar em situação escolar, objetivos pedagógicos: a partir desse diagnóstico, podem ser definidos procedimentos de mediação pedagógica que estimulem e orientem as crianças a progredir, a avançar de um nível ao seguinte, atuando, nas palavras de Vygotsky, sobre sua zona de desenvolvimento potencial. [...] (SOARES, 2020, p. 57)

Diante disso cabem alguns questionamentos que precisam ser explorados a fim de encontrar uma solução: *como o professor pode trabalhar a alfabetização de forma remota? Existem métodos e estratégias mais eficientes nesse contexto?*

Como uma situação recente e que surpreendeu o mundo inteiro, as primeiras reações à pandemia de Covid-19 foram guiadas pelo imprevisto e pela necessidade de não deixar as crianças desassistidas, já que o distanciamento não possuía uma data determinada para acabar. Assim, nos primeiros momentos foram passadas algumas atividades e exercícios para serem feitos remotamente com o auxílio dos pais. Mas logo se compreendeu que a falta da escola ia muito além de um espaço adequado para o ensino; passava pela necessidade de socialização das crianças, pela contextualização do ensino e pela imersão que o ambiente escolar proporciona, coisas que a casa de cada aluno não permite, tanto pela falta de disciplina quanto ao ensino, quanto pela falta de conhecimentos didáticos dos pais para auxiliarem seus filhos nas tarefas, como afirmam Frigoet al (2020):

As atividades propostas pelo professor são importantes, mas não por si mesmas, uma vez que o essencial de todo ensino perpassa as relações que se estabelecem entre os professores, os alunos e os conteúdos de aprendizagem. Isso porque, afirma o autor (ZABALA, 2010), as relações entre professor e alunos, e destes entre si, afetam o nível de comunicação e os vínculos afetivos que se estabelecem em aula, aspecto que favorece a aprendizagem a depender de um determinado clima de convivência.

Para que o aluno possa aprender, é preciso, pois, que o professor considere suas necessidades, conte com suas contribuições e conhecimentos, auxilie-o a encontrar sentido no que faz, proponha desafios alcançáveis, ofereça-lhe ajudas adequadas, potencialize sua autonomia e valorize sua capacidade e esforço; igualmente, em suas propostas de trabalho, cabe ao docente promover a atividade mental auto estruturante, a autoestima e a autoimagem positiva dos alunos, viabilizar canais de comunicação efetivos e incentivar a auto avaliação, de modo que possam regular seus processos de aprendizagem. (FRIGO ET AL, 2020, p. 110)

O professor e a escola logo compreenderam que sem o auxílio e engajamento dos pais grande parte do ano letivo seria perdido e o desenvolvimento das crianças ficaria aquém do esperado. Para suprir isso, muitas escolas e professores apostaram na

interação através de grupos de *WhatsApp*, permitindo uma aproximação maior e uma resposta mais rápidas aos questionamentos e dúvidas. Os pais passaram a ser mediadores entre o professor e o aluno, sendo responsável pela orientação e planejamento do tempo de execução das atividades. No entanto, disso decorre uma série de problemas, como a falta de tempo dos pais e do conhecimento em relação ao processo de aprendizagem, o qual demanda tempo e paciência, pois não ocorre imediatamente, mas paulatinamente ao longo de uma prática significativamente planejada. Por outro lado, não é função dos pais ministrar aulas, uma vez que não têm formação específica para exercício da docência.

Diante da dificuldade dos pais em estabelecer a mediação entre a escola e seus filhos, propôs-se aulas on-line através de aplicativos que permitissem a participação de todos os alunos coordenados pelo professor. Novos desafios surgiram, como a falta de domínio da tecnologia por grande parte dos professores e a pouca disciplina e paciência por parte dos pais e alunos para acompanhar as aulas. Assim, diante de todos esses problemas levantados, volta-se a pergunta feita anteriormente: como o professor pode trabalhar a alfabetização remotamente em face de tantos obstáculos? É de suma importância que o professor saiba evocar os princípios que Paulo Freire (1997) afirma em *Professor sim, Tia não: cartas a quem ousa ensinar*:

Um dos erros mais funestos que podemos cometer, enquanto estudamos, como alunos ou professores, é recuar em face do primeiro obstáculo com que nos defrontamos. É o de não assumirmos a responsabilidade que a tarefa de estudar nos impõe, como, de resto, qualquer tarefa o faz a quem a deve cumprir.

Estudar é um que-fazer exigente em cujo processo se dá uma sucessão de dor, de prazer, de sensação de vitórias, de derrotas, de dúvidas e de alegria. Mas estudar, por isso mesmo, implica a formação de uma disciplina rigorosa que forjamos em nós mesmos, em nosso corpo consciente. Não pode esta disciplina ser doada ou imposta a nós por ninguém sem que isto signifique desconhecer a importância do papel do educador em sua criação. De qualquer maneira, ou somos sujeitos dela ou ela vira pura justaposição a nós. Ou aderimos ao estudo como deleite, ou o assumimos como necessidade e prazer ou o estudo é puro fardo e, como tal, o abandonamos na primeira esquina. (FREIRE, 1997, p. 28)

De fato, toda essa situação não tem se mostrado fácil aos professores e alunos, exigindo muito mais do que estavam acostumados. E se o que se objetiva é realizar de forma concreta aquilo que se espera da criança na série em que ela está, o trabalho e o envolvimento agora devem ser muito maiores, principalmente do professor, que sabe da importância da alfabetização das crianças, sobretudo daquelas que vivem em situações

mais precárias. A educação nesses tempos de pandemia passa a ser uma urgência muito mais social do que epistemológica, visto que determinará de forma pungente o destino daqueles que tiverem um estímulo melhor.

Assim, tomando os princípios de Paulo Freire como fundamento do agir o educador que pretende êxito em sua prática, deve investir em outras metodologias e ferramentas, como o uso de jogos e vídeos interativos com as crianças. Um recurso importantíssimo para aprendizagem tem sido as reuniões virtuais, onde os alunos podem interagir com seus colegas e professores, se envolvendo por meio das atividades, e assim passar a se interessar mais pela escrita e leitura.

Nas aulas virtuais, antes de apelar para uma proposta imediatista de ensino das letras sem que haja uma localização da necessidade de aprender, o professor pode ler histórias e representá-las de forma lúdica para que a criança se envolva com o sistema de linguagem e seu universo simbólico (ANACLETO, 2013). Privilegiando a abordagem construtivista, orientando a criança a formar suas próprias concepções acerca de sua relação com a escrita, o professor trabalha a alfabetização explorando recursos gráficos que despertem a atenção e o interesse das crianças, e ainda revela como a linguagem está relacionada ao seu contexto social e cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A alfabetização é um processo que foi e continua sendo aperfeiçoado historicamente, buscando uma abordagem cada vez mais significativa e efetiva para os aprendentes da língua escrita, levando-os a compreensão não apenas da leitura e da escrita, mas da linguagem e da língua como algo que nos constitui socialmente.

Muitas das práticas aplicadas no passado já não são pertinentes à atuação do professor contemporâneo, que precisa ter conhecimento da evolução teórica para compreender como planejar sua prática. Não só a escola não é mais a mesma, também a organização social e cultural dos alunos já não é mais a mesma, de modo que o ensino precisa incorporar e dialogar com as transformações se pretende ser significativo.

O grande desenvolvimento tecnológico e intelectual que ocorreu nos últimos vinte anos trouxe a necessidade da educação se apropriar das ferramentas das tecnologias de informação para atualizar o ensino e corresponder às expectativas dos novos alunos. Com o surgimento da pandemia de Covid-19 as mudanças e a necessidade de adaptação

foram muito mais aceleradas, reduzindo o tempo para planejamentos e utilizações das informações e recursos digitais.

Cabe às pesquisas futuras explorar e analisar com afinco as possibilidades e planejar o futuro no qual a educação seja capaz de não só alfabetizar as crianças para a leitura das palavras, mas para a leitura do mundo, compreendendo a importância de conhecer e dominar a tecnologia a favor do conhecimento. O uso da tecnologia tornou-se inevitável, bem como a crítica sobre a utilização consciente desses recursos para auxiliar de forma construtiva a produção do saber. As crianças de hoje requerem novas abordagens, as quais a tecnologia pode ajudar a proporcionar. Os recursos disponíveis, visuais, auditivos e interativos são enormes, enriquecendo muito o trabalho pedagógico. O professor que pretende desenvolver com maestria seu trabalho e que tem consciência da sua responsabilidade deve estar disposto às novidades, a pesquisa constante, não se resignando. Paulo Freire (2011), nesse sentido, afirma que:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (FREIRE, 2011, s/p).

É preciso pensar cada vez mais nos desafios gerados pelo distanciamento físico, como o ensino remoto. Tem que se considerar a possibilidade eminente de novas necessidades de quarentena, planejando como a escola pode diminuir os impactos da ausência física e se fazer presente na casa dos seus alunos. A alfabetização deve ser vista como uma prática diária, sendo estimulada pelos pais em suas conversas e brincadeiras com os filhos, tornando o ensino lúdico e significativo pela afetividade que ele invoca. A escola é um espaço de conhecimento, mas que não pode fazer seu trabalho sozinha, precisa de auxílio e manutenção, comprometimento da comunidade para que possa formar e transformar seus educandos. A pandemia evidenciou essa verdade, de forma que se não houver um esforço conjunto o futuro das nossas crianças pode estar comprometido.

Apesar da Pandemia ainda ser um evento contemporâneo do qual ainda não se tem a real dimensão das consequências, carecendo de pesquisas e investigações em todas as áreas, a academia deve se organizar para refletir os acontecimentos, guiando os profissionais na superação dos desafios.

Para finalizar é importante registrar que a realização desse trabalho foi dificultada pela escassez de publicações referentes ao tema, e pela realidade do ensino remoto, ainda pouco compreendida. No entanto, mesmo com a falta de referências bibliográficas sobre o tema, pudemos contar com as reflexões de pensadores que contribuem para o entendimento da realidade educacional, pois a pensam a partir daqueles que a constroem.

Neste sentido, nosso trabalho revelou como o ensino precisa se adequar as transformações inerentes ao momento vivido e que se nos detivermos ao pensamento daqueles que veem a educação como um processo permanente e contínuo, estaremos sempre preparados para os desafios da vida.

REFERÊNCIAS

ANACLETO, Julia Maria Borges. **O papel do outro na aquisição da escrita pela criança: o construtivismo na alfabetização e a psicanálise**. 2013. 116 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Faculdade de Educação, USP, São Paulo, 2013. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-22012014-131822/publico/JULIA_MARIA_BORGES_ANACLETO.pdf. Acesso em: 03 set. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf acesso em: 03 set. 2021.

CHIARA, Ivone Guerreiro Di. et al. **Normas de documentação aplicadas à área de Saúde**. Rio de Janeiro: E-papers, 2008.

FERREIRO, Emília. **Alfabetização em Processo**. São Paulo: Cortez, 1996. 144p.

_____. **Reflexões sobre alfabetização**. 23 ed. São Paulo, Cortez, 1994.

FRADE, Isabel C.A.S. Alfabetização hoje: onde estão os métodos? **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, v. 9, n. 50, mar/abr. 2003.

FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. **Alfabetização**: leitura do mundo, leitura da palavra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011. Tradução de: Lólio Lourenço de Oliveira.

FREIRE, Paulo. **Professore Sim, Tia Não**: Cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'água, 1997.

_____. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____. **Pedagogia da esperança**. São Paulo: Paz e Terra, 1997. 245 p.

FRIGO, Andrea Beatriz Gonzalez; COLELLO, Silvia de Mattos Gasparian. **Práticas de escrita em contextos de alfabetização**: caminhos e descaminhos. 2020. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48138/tde-03122020-144629> acesso em: 15 set. 2021

MORTATTI, Maria Rosário Longo. **História dos Métodos de Alfabetização no Brasil**. Seminário Alfabetização e Letramento em Debate. SEB/MEC. Brasília, 2006. Disponível em http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/alf_mortattihisttextalfbbr.pdf Acesso: 01/09/2021.

OLIVEIRA, Marília Villela de. Princípios e Métodos de Alfabetização I. **Coleção Pedagogia a Distância UFU/UAB**. Uberlândia-MG: Universidade Federal de Uberlândia, Universidade Aberta do Brasil, 2019. 53p.

OLIVEIRA, J. L. **Texto Acadêmico**. Petrópolis: Vozes, 2005.

SANTOS, Gildenir Carolino. **ROTEIRO PARA ELABORAÇÃO DE MEMORIAL**. 2005. Disponível em: <https://docplayer.com.br/12078104-Roteiro-para-elaboracao-de-memorial-compilado-por-gildenir-carolino-santos.html>. Acesso em: 21 ago. 2021.

SOARES, Magda. Desenvolvimento e aprendizagem na apropriação do sistema de escrita alfabética. In: **Alfabetizar**: toda criança pode aprender a ler e escrever. 1. ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2020. Cap. 2, p. 51-59.

TEMÓTEO, Antônia Sueli S. **A constituição de letramentos, durante a pandemia**: desafios para professores e alunos. In: **Multiletramentos na pandemia atividades na, para a e além da escola**. Disponível em: <http://www.guaritadigital.com.br/casaleiria/acervo/educacao/multiletramentosnapandemia/index.html>. Acesso em 03 de set. de 2021.